

SAÚDE SEXUAL DAS MULHERES CIS LÉSBICAS: ANÁLISE DOS CONHECIMENTOS E DAS PRÁTICAS ACERCA DAS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMÍSSÍVEIS

Ana Clara Ferreira Rocha¹
Carolina Cristina Mendonça¹
Joás Melgueiro Rodrigues¹
Leandra Pereira De França¹
Maria Vitória Silva Correia dos Santos¹
Stephanie Marques Oliveira¹
Taynnara de Jesus Sales¹
Tumi Wassa¹
Gláucia Oliveira Abreu¹
Keite Nara Diogo¹
Clery Mariano da Silva Alves¹
Universidade Evangélica de Goiás – UniEVANGÉLICA¹

RESUMO

Introdução: Mulheres cis lésbicas ainda enfrentam invisibilidade nas políticas e práticas de saúde sexual. A heteronormatividade reforça a falsa percepção de baixo risco de ISTs, somada à escassez de informações específicas, campanhas inclusivas e preparo profissional para o acolhimento na Atenção Primária à Saúde (APS). **Objetivo:** Analisar os conhecimentos e práticas de saúde sexual de mulheres cis lésbicas na APS, com foco na prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). **Método:** Revisão integrativa da literatura, de caráter descritivo e qualitativo, guiada pela estratégia PICO. Foram incluídos artigos completos, publicados entre 2020 e 2025, em português e inglês. A busca sistemática ocorreu entre janeiro e maio de 2025 nas bases BVS, LILACS, SCIELO, MEDLINE e BDNF. **Resultados:** A análise organizou-se em três eixos: conhecimento, práticas preventivas e acesso aos serviços. Identificaram-se 206 artigos, dos quais 31 compuseram a amostra final. **Conclusão:** Os estudos revelaram lacunas significativas no conhecimento sobre ISTs, uma vez que campanhas e materiais educativos permanecem centrados em heterossexuais e homens que fazem sexo com homens, invisibilizando lésbicas. Houve baixa adesão a métodos de barreira, com improvisações pouco utilizadas devido à escassez de recursos e à percepção de baixo risco. O acesso aos serviços mostrou-se limitado por invisibilidade, preconceito e despreparo profissional, resultando em experiências de constrangimento e afastamento das usuárias. Persistem barreiras estruturais e culturais que comprometem a saúde sexual de mulheres cis lésbicas, reforçando a necessidade de capacitação profissional, ampliação de políticas inclusivas e desenvolvimento de materiais educativos específicos, de modo a garantir acolhimento, equidade e integralidade no cuidado.

Palavras-chave: saúde sexual; lésbicas; ISTs; Atenção Primária.

INTRODUÇÃO

A saúde sexual das mulheres cisgênero lésbicas ainda é marcada por invisibilidade e negligência dentro do sistema de saúde, especialmente no que se

refere à prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). A construção histórica das políticas públicas de saúde no Brasil tem como base a heteronormatividade e a centralidade do modelo reprodutivo, o que leva à exclusão das especificidades de mulheres que se relacionam com outras mulheres. Muitas vezes, sua sexualidade é desconsiderada como um fator de risco, o que contribui para a falsa percepção de imunidade às ISTs. Essa invisibilidade se reflete não apenas no âmbito do cuidado clínico, mas também nos materiais educativos e campanhas preventivas que, em sua maioria, são direcionados a casais heterossexuais e a homens que fazem sexo com homens (ANDRADE et al., 2020).

Além disso, a relação entre patriarcado e práticas profissionais em saúde colabora para a perpetuação de estigmas e discriminações. Estudos recentes mostram que profissionais de saúde ainda demonstram despreparo para acolher essa população, reproduzindo comportamentos preconceituosos ou ignorando práticas sexuais entre mulheres. Esse contexto afasta as usuárias dos serviços de Atenção Primária à Saúde (APS), comprometendo a prevenção, o diagnóstico precoce e o tratamento adequado (PALMA et al., 2017).

OBJETIVO

Este estudo objetivou analisar os conhecimentos e as práticas de saúde sexual de mulheres cis lésbicas em relação à prevenção das ISTs, destacando as barreiras enfrentadas no acesso à APS e a necessidade de políticas públicas inclusivas que contemplem a diversidade sexual.

MÉTODO

Foi realizada uma revisão integrativa da literatura entre janeiro e maio de 2025. A busca ocorreu nas bases de dados BVS, SciELO, LILACS, BDNF e MEDLINE, utilizando os descritores “Saúde Sexual”, “Lésbicas”, “Infecções Sexualmente Transmissíveis” e “Atenção Primária à Saúde”, combinados por operadores booleanos. Foram encontrados 206 artigos publicados entre 2020 e 2025, dos quais 31 atenderam aos critérios de inclusão. Os estudos selecionados foram organizados em três eixos temáticos: (1) conhecimento sobre ISTs e saúde sexual; (2) práticas preventivas adotadas; (3) barreiras de acesso aos serviços de saúde.

RESULTADOS

Grande parte dos estudos evidencia lacuna significativa no conhecimento sobre ISTs entre mulheres cis lésbicas (DANTAS et al., 2024), relacionada à falta de informações adequadas nos serviços de saúde, à carência de campanhas educativas e à ausência de abordagem específica. A maioria das estratégias preventivas é direcionada a relações heterossexuais ou a homens que fazem sexo com homens, deixando mulheres que se relacionam com mulheres menos alcançadas (SILVEIRA et al., 2022).

As práticas preventivas entre mulheres cis lésbicas apresentam baixa adesão ao uso de métodos de barreira, em grande parte devido à falta de orientação adequada por profissionais de saúde (CAVALCANTE et al., 2022). Muitas recorrem a técnicas improvisadas, como plástico filme e luvas, refletindo dificuldades de acesso a materiais apropriados. Esse cenário é reforçado por fatores culturais e pela crença equivocada de que relações entre mulheres oferecem proteção natural contra ISTs, agravada pela ausência de informações específicas e pela influência da heteronormatividade nas práticas de saúde (LIMA; SALDANHA, 2020).

Quanto ao acesso aos serviços de saúde, observou-se que o despreparo de profissionais é um fator decisivo para a manutenção da exclusão. Muitas mulheres relataram situações de preconceito ou constrangimento durante consultas, nas quais suas práticas sexuais foram invisibilizadas ou tratadas com descaso. Essa realidade reforça a necessidade de formação profissional pautada no respeito à diversidade sexual e no cuidado integral (AZEVEDO et al., 2024; ALMEIDA; SOARES, 2021).

CONCLUSÃO

Os resultados da revisão apontam que a saúde sexual das mulheres cis lésbicas permanece marcada por lacunas significativas, tanto no âmbito da informação quanto no acesso ao cuidado adequado. A invisibilidade das suas práticas sexuais, a falta de recursos preventivos específicos e o despreparo dos profissionais contribuem para sua vulnerabilidade frente às ISTs. Diante disso, torna-se urgente a criação de políticas públicas que incluam essa população de maneira explícita, com campanhas educativas direcionadas e a garantia de materiais preventivos adequados (AZEVEDO et al., 2024).

Observou-se uma recorrência nos achados, em que os artigos analisados apresentam problemáticas semelhantes, mas não apontam soluções efetivas. Verificou-se, de forma consistente, a presença de déficits estruturais no sistema de saúde e o despreparo dos profissionais para lidar com a temática. Tal cenário evidencia não apenas a repetição das limitações já identificadas em estudos anteriores, mas também a lacuna de investigações mais aprofundadas e específicas, capazes de propor estratégias de enfrentamento e intervenções direcionadas.

A capacitação contínua de profissionais de saúde, aliada à inclusão da diversidade sexual nos currículos de formação, é fundamental para assegurar um cuidado humanizado e livre de discriminações. A educação sexual, quando trabalhada desde a escola básica, também deve contemplar a pluralidade das vivências sexuais, de modo a reduzir vulnerabilidades e ampliar o acesso a informações claras e adequadas. Dessa forma, será possível promover o reconhecimento, a valorização e o cuidado integral da saúde sexual de mulheres cis lésbicas, rompendo com o ciclo de invisibilidade que ainda as afeta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. L.; SOARES, R. R. Narrativas de mulheres lésbicas sobre vivências no cotidiano e no período escolar. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 29, n. 1, 2021.

ANDRADE, J. et al. Vulnerabilidade de mulheres que fazem sexo com mulheres às infecções sexualmente transmissíveis. **Ciencia & saude coletiva**, v. 25, n. 10, p. 3809–3819, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320202510.03522019>.

AZEVEDO, G. R. B. et al. Saúde sexual e acesso aos serviços para mulheres lésbicas em Manaus. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 58, 2024.

CAVALCANTE, D. R. et al. Práticas sexuais de mulheres que fazem sexo com mulheres e o uso do preservativo. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 30, 2022.

DANTAS, A. R. A. et al. Educação sexual em saúde: empoderamento de mulheres que fazem sexo com mulheres. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 77, 2024.

GOMES, R. Agendas de saúde voltadas para gays e lésbicas: reflexões sobre propostas de movimentos sociais. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 821–830, 2022.

LIMA, M. A. S.; SALDANHA, A. A. W. (In)visibilidade Lésbica na Saúde: análise de fatores de vulnerabilidade. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 44, n. 126, p. 720–732, 2020.

PALMA, D. M.; CABAL, J. M.; ORCASITA, L. T. HIV risk perception in young homosexual women from Cali, Colombia. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 69, n. 3, p. 83-99, 2017. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-52672017000300007&lng=pt.

SILVEIRA, A. C. T. et al. Percepções de risco e estratégias preventivas às IST entre mulheres que fazem sexo com mulheres. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 38, n. 5, 2022.